

ALEXANDRE
LOBÃO

O NOME
DA ÁGUIA

novo século®

O Nome da Águia

Λ

Δ

Ω

 sobre o autor

Alexandre Lobão, 38 anos, nasceu no Rio de Janeiro e foi criado em Brasília, crescendo junto com a nova capital.

Depois de participar de diversas coletâneas de contos, lança em 2000 seu primeiro livro, "A Caixa de Pandora e outras histórias". Até 2006, escreveu mais seis livros, publicados no Brasil e no exterior, três roteiros para cinema e cerca de vinte roteiros para histórias em quadrinhos.

5

"O Nome da Águia" é seu primeiro romance de cunho histórico-ficcional, sendo resultado de cinco anos de pesquisas, viagens e entrevistas com especialistas.

Após atuar como empresário e funcionário da Microsoft, Alexandre Lobão trabalha como analista do Banco Central.



obre o livro

O mundo em que vivemos, por seu caráter belicoso, faz surgir uma pergunta

constante: “pode o mal nascer de uma visão deturpada do bem, ou existe a essência malévola?”.

O autor nos convida a descobrir essa resposta, participando de uma aventura fantástica que se passa em 2012. Nessa jornada, dois arqueólogos são envolvidos por uma descoberta inquietante. O que um pergaminho em hebraico estaria fazendo no bunker de Hitler, em meio a seus objetos pessoais? A solução desse enigma atravessa milênios, mostrando a disputa entre essênios e kittins, encarnados como Jesus, Átila, Buda e Hitler entre outros. A terceira guerra mundial está prestes a ser desencadeada e os protagonistas têm pouco tempo para reverter esse prognóstico tenebroso.

No decorrer da obra, constatamos que tudo acontece por um motivo e segue um plano há muito traçado. Somos levados a vivenciar as emoções que cercam os protagonistas e, por vezes, iremos sonhar com as possibilidades que surgem dessa trama bem elaborada.

Arthur Bastos
Autor da série "Armanon"

Todos os fatos e locais aqui relatados são reais, desde números de vôos e nomes de rodovias até descrições das paisagens e ambientes. Os diálogos e personalidades das personagens históricas envolvidas foram criados, sempre que possível, a partir de registros históricos ou religiosos.

Esta é uma obra de ficção e não pretende sugerir que as orientações políticas, filosóficas, sociais ou religiosas apresentadas (pelos personagens históricos envolvidos) sejam verdadeiras — exceto quando os registros históricos permitem tal dedução.

Qualquer semelhança com personalidades atuais é mera coincidência.


“Considerem e admirem como cada árvore se cobre de folhas, como as perde em seguida, excetuando-se quatorze árvores privilegiadas que permanecem sempre verdes, e que durante muitos invernos apresentam a aparência de primavera.”

Livro de Enoch, Capítulo IV, versículo 1

“A verdade é única, embora os sábios a conheçam como muitas.”

Rig Veda, Livro I, Hino CLXIV, Verso 46

1 3497 a.C. — Hebel

s primeiros raios de sol surpreenderam Hebel. Por um momento, ele chegou a pensar que havia adormecido e só agora acordava, mas a lembrança das estrelas se movendo lentamente no céu enquanto meditava afastou rapidamente esta idéia.

Apesar da noite em claro, seu corpo não se sentia fatigado, mas seu coração se confrangeu ao recordar que a noite passara, e ele ainda não conseguira chegar à inspiração divina que tinha vindo procurar.

Lentamente, o ancião se colocou de pé, apoiando-se em seu longo cajado, enquanto olhava para o círculo avermelhado que lentamente brotava do horizonte azul-claro, e que ele julgava poder ver refletido nas distantes águas do Yam HaMelach¹ — o que, ele sabia, era mera ilusão. Largou aos seus pés o odre de estômago de cabra, que ainda continha

¹ *Yam HaMelach*: literalmente, “Mar do Sal” em hebraico. Nome dado ao mar Morto na antiguidade.



bastante água, para realizar uma última oração.

Uma brisa fresca balançou seus esbranquiçados cabelos e barba, fazendo-os dançar em um ritmo lento, enquanto ele deixou sua mente vagar por alguns instantes, totalmente alheio a tudo que o cercava, quase em transe.

Quando retornou a si, o sol já havia nascido, e ele pôde sentir a carícia do primeiro calor da manhã em seu rosto, fazendo contraste com o vento frio que continuava a agitar seus cabelos.

10
△ A visão de cima do monte Horeb² era magnífica, especialmente na alvorada. Apesar de não muito alto, o monte era o mais elevado da região, permitindo ver a uma grande distância; e os raios do sol, a esta altura já dourados, pintavam cada uma das pequenas elevações e ondulações da paisagem à sua frente com fortes contrastes de ouro e sombra.

Angustiado por ainda não ter recebido uma resposta, Hebel abriu os braços e gritou por seu Deus:

² *Monte Horeb*: Monte Sagrado, também chamado de Sinai ou Sinai-Horeb, onde Moisés recebeu os Dez Mandamentos e que é indicado como “morada de Javé”. Embora trechos bíblicos mencionem “descer do Sinai” para o oásis de Meribá, indicando a proximidade deste oásis ao monte, historiadores modernos divergem sobre a real localização do monte sagrado, apontando três locais que teriam este nome na época de Moisés.

— YAHU!³

Sua voz se perdeu ao longe, sem nem mesmo um eco como resposta. O vento soprou mais forte, balançando ruidosamente as longas mangas de algodão branco que pendiam de seus braços abertos.

Hebel sabia que precisava descer, que os demais estariam esperando por ele. E sabia que demorar tornava a situação ainda pior. Mas o desespero de não saber o que fazer, apesar de seus longos anos como um dos sete anciões do conselho da tribo, o fez cometer a heresia uma vez mais. Sua voz se elevou novamente, em busca de uma resposta das areias alaranjadas da região:

— YAHU!

Desta vez, sua voz estranhamente parecia sumir logo após sair de seus lábios, e o que nascia como um grito na garganta chegava apenas como um murmúrio em seus ouvidos.

O vento subitamente parou, e por alguns segundos o mundo pareceu segurar a respiração, em silêncio absoluto.

Hebel sentiu que alguma coisa estava acontecendo, e o medo de ser castigado por ousar

3 *Yahu*: Deus adorado pelos judeus primitivos, anterior ao monoteísmo, que governava o mundo ao lado de duas deusas, sendo uma delas chamada de Anat-Yahu.



invocar seu Deus em voz alta tomou seu coração, mas ainda assim ele permaneceu imóvel, de braços estendidos, esperando.

A rajada de vento que veio a seguir o pegou de surpresa, derrubando-o no chão. O vento ainda soprou forte por alguns momentos, jogando para longe o odre que estava ao seu lado.

Tão repentinamente quanto veio, o vento parou.

O ancião, assustado, colocou-se de pé, pegou seu odre e começou a descer o monte em passo apressado.

Enquanto descia, a brisa novamente começou a soprar, desta vez gentil, e parecia sussurrar histórias antigas e belas em seus ouvidos.

12



Seus passos foram desacelerando, porém voltaram ao ritmo forte ao se lembrar da reunião do conselho, onde esperavam por ele. A brisa, indiferente à sua pressa, continuou soprando palavras gentis, de maneira que ele acabou por tranquilizar-se, sentindo que, de alguma forma, tudo iria dar certo.

Já na metade do caminho, Hebel pôde ver ao longe a aldeia de seu orgulhoso povo, que crescia rapidamente como a urze da região. O verde que circundava as diversas fontes do oásis⁴ contrastava

⁴ *Oásis de Meribá*: oásis distinguido por sua riqueza de fontes e poços, na região sul da Palestina, entre a saída oriental da Península do Sinai-Horeb e a fronteira oriental da Arábia — não confundir com a região de Cades, ao norte da península do Sinai.

com o solo alaranjado e pedregoso da região, fazendo naturalmente brotar de seus lábios uma prece de agradecimento pela fortuna dos *habirus*⁵.

Ao chegar à base do monte, o sol já estava alto. Apesar da calma que lhe fora insuflada na descida, ele cerrou os lábios e apertou o passo, pois sabia que a reunião não seria nada pacífica, e que chegar tão atrasado só iria piorar, e muito, as coisas.

Quando finalmente chegou próximo ao local onde aconteceria a cerimônia para que seus olhos cansados lhe concedessem alguns detalhes, Hebel estacou, temeroso com o que via, e apertou forte o cabo de seu cajado.

Algo ali estava muito, muito errado!



5 *Habirus*: nome dado aos Arameus (habitantes da antiga cidade de Amarna, no Egito) que foi transferido posteriormente para os judeus quando estes dominaram a cidade. Esse povo, posteriormente, veio a ser conhecido como povo hebreu.

2 2012 d.C. — Arthur

Arthur Gomes Neville olha impaciente para seu relógio de pulso, enquanto a fila para a alfândega anda lentamente. Sua silhueta fina, cabelos cortados de maneira comportada e roupas sóbrias contrastavam com a balbúrdia sonora e visual do grupo de adolescentes italianos que estava à sua frente.

“Droga, não vai dar tempo!”

14

Λ

Mais três minutos se passam antes que a próxima pessoa seja atendida, enquanto ele lembra da seqüência de eventos que parecia conspirar para que perdesse o próximo vôo. Seu vôo decolou do aeroporto JFK, em New York, com quase meia hora de atraso devido ao tráfego aéreo. A bagagem de seu vôo foi entregue na esteira onze, a última e mais distante da saída do terminal 3 do aeroporto de Heathrow, em Londres. Quando sua mala finalmente apareceu na esteira, ele estava a ponto de ir ao guichê da American Airlines reclamar do desaparecimento, pois apenas meia dúzia de passageiros esperava como ele. E, agora, a fila para passagem pela

alfândega que ele escolheu simplesmente parecia ser a mais lenta de todas.

Considerando que seu próximo vôo decolaria em apenas 15 minutos, ele tinha pouca esperança de conseguir embarcar — a menos, é claro, que o vôo estivesse também atrasado — coisa comum em Heathrow, com as reformas de ampliação ainda em curso.

Finalmente foi chamado. O funcionário da alfândega inglesa levantou a sobrancelha, estranhando o passaporte verde do brasileiro. Abriu, olhou para a foto e para Arthur, sorriu.

— Brasileiro, heim? Samba e futebol!

Arthur sorri para ser gentil, mas não estica a conversa. Ele bate a ponta do pé discretamente no chão, pois sabia que a alfândega inglesa costuma ser mais meticulosa com quem parece estar com pressa.

— Hum, Arthur Neville?! Certamente um nome importante!

Mais uma vez Arthur ri discretamente. Já tivera diversas amostras do insosso humor inglês no passado, lembrando-o de seu homônimo, Arthur Neville Chamberlain, primeiro ministro da Inglaterra no início da Segunda Guerra Mundial.

— O senhor vem a Londres a passeio ou a trabalho?

Arthur entrega o bilhete de seu próximo vôo para o funcionário.

— Na verdade, estou apenas de passagem. Estou indo a passeio para Berlim.

O funcionário olha a passagem, confere mais uma vez o passaporte e finalmente entrega tudo de volta a Arthur.

— Então, é bom o senhor se apressar. Seu vôo deve estar saindo!

— Obrigado, senhor!

16

Λ

Arthur apressa o passo, atravessa o longo corredor de saída, entra no corredor com a indicação verde — “nada a declarar” — e miraculosamente não é parado para revista da bagagem. Chega a um grande hall, onde um círculo vermelho cortado por uma barra azul anuncia: “Heathrow Terminal 3”. Por sorte, há um guichê de serviços da American Airlines próximo à saída da área da alfândega, e sem filas. Corre até lá.

— Desculpe-me, mas a senhora poderia me informar se ainda é possível pegar o vôo 6594, para Berlim?

A atendente balança a cabeça afirmativamente e recorre ao terminal, digitando uma série de códigos.

— Sinto muito, senhor, o embarque está encerrado.

— Não há como reabrir o vôo? Com certeza

ele ainda não decolou.

— Sinto muito, senhor, temos assentos neste vôo, mas ele é operado pela British Airways. Mesmo que eu quisesse não poderia ajudá-lo.

Resignado, Arthur larga a mala no chão, suspira, e relaxa, tentando fazer baixar a adrenalina carregada nos últimos minutos. Quando fala novamente, sua voz já soa mais tranqüila. Ele entrega a passagem para a atendente, que o espera olhando curiosamente.

— Acabei de chegar de New York e deveria ter embarcado nesse vôo. A senhora poderia remarcar minha passagem para o próximo vôo para Berlim?

— Claro, senhor, verei o que é possível fazer.

Mais uma incompreensível seqüência de teclas depois, e a moça apresenta o resultado.

— O próximo vôo é 984, que decola às doze horas e cinqüenta minutos. Depois deste, temos o vôo 986, às quatro horas e cinco minutos.

— Por favor, coloque-me neste primeiro vôo.

— Certo. Emitirei um *voucher*, mas o senhor precisará pegar um novo bilhete no guichê da British Airways.

A atendente entrega o *voucher* para Arthur.

— Seu embarque será no portão 27, no terminal 1. Para chegar lá, o senhor segue pelas passarelas subterrâneas, por ali.

Ela aponta o caminho das escadas, enquanto continua explicando.

— O senhor está no térreo do terminal 3. O *check-in* do terminal 1 é no primeiro andar. Depois do *check-in* o senhor poderá subir ao segundo andar, lá há um *lounge* com diversas lojas onde o senhor pode esperar até a hora de seu voo.

Arthur agradece, de certa forma espantado com a eficiência e cortesia da atendente, e segue as suas orientações.

Após despachar a mala, ele toma um café em uma lanchonete com o estranho nome de Est Est Est, e dirige-se ao portão 27, onde tira os sapatos e senta-se tão confortavelmente quanto pôde.

Em um primeiro momento, pega o jornal *The Times*, que comprou em uma livraria a caminho do portão, e passa os olhos rapidamente sobre as manchetes. Como não pode deixar de ser a pouco mais de um mês para as eleições presidenciais americanas, uma nota na primeira página tece alguns comentários sobre o futuro pleito. Arthur confere a última pesquisa de opinião — Geoffrey Brown continuava caindo, estando agora sensivelmente atrás de seu rival democrata em mais de trinta estados. Sorri, pois apesar de não votar naquele país está torcendo intimamente por Harold Moore, e guarda o jornal na mochila.

A seguir, remexe a bagagem e saca um exemplar da *Revue Biblique*¹, que trouxe para poder colocar a leitura em dia, pois quase dez exemplares já se acumulavam em seu escritório na universidade de New York, onde trabalhava como professor e pesquisador no Departamento Skirball de Estudos Hebraicos e Judaicos.

Escolhe um artigo de Claude Cox sobre estudos bíblicos e a Bíblia Armênia, porém logo que começa a ler lembra-se de David, seu colega arqueólogo que iria buscá-lo no aeroporto de Tegel, em Berlim.

Pega o celular na mochila, apenas para descobrir que está sem bateria. Calça os sapatos, guarda a revista de volta e vai até o telefone mais próximo, de onde propositadamente liga a cobrar para David.

— Alô, David?... Não, não, estou ainda em Londres, perdi o vôo... Pois é. De qualquer forma, sairei no vôo 984, da British Airways, e chegando aí em torno das três e meia... Não há problema, eu pego um táxi para o hotel!... Não precisa incomodar-se, David, você já me passou os dados do hotel, posso ir sem problemas!... Ligo para você quando chegar!...

¹ *Revue Biblique*: Revista publicada pela *École biblique et archéologique française de Jérusalem*. De periodicidade trimestral, é publicada desde 1892 sob a supervisão editorial de padres dominicanos de Jerusalém.

Ok, até logo!

Arthur pára por alguns instantes, pensando se deve continuar. Decide que sim.

— E... David? Olhe, sei que você é quem está pagando, mas minha viagem até aqui tem sido um caos. Não dormi nada durante o vôo, perdi a conexão... Espero que o seu “segredo” realmente valha a pena!

A voz de seu amigo chega alterada pela animação, sem reparar na ironia carregada na palavra “segredo”.

— Olha, Arthur, não adianta vir com este jogo que eu não vou lhe adiantar nada! Mas pode acreditar que é apenas zelo de minha parte; tenho medo que você tenha um ataque cardíaco se souber de tudo antes da hora!

— Muito engraçado! Mas, falando sério, realmente estou morto de cansaço, e espero que valha a pena.

— Meu amigo... Depois que você vir o que eu tenho para lhe mostrar, você vai me esganar por não ter ligado para você mais cedo!

3 3497 a.C. — Qanah

Hebel se aproximou lentamente do grupo reunido em torno do altar de pedra erigido em homenagem a Yahu, enquanto tentava se acalmar, buscando lembrar da tranqüilidade sussurrada em seus ouvidos pela brisa durante a descida.

Seus olhos instintivamente procuraram por Sarah, sua esposa, entre o grupo de anciões. Apesar do sorriso que encontrou em seu rosto, Hebel pôde ver o medo refletido em seus olhos.

Seu olhar parou, então, nos olhos raivosos de Qanah, guerreiro destacado de sua tribo que exigira aquela reunião ao conselho.

Já há algum tempo, Qanah buscava conseguir aliados entre os sábios da tribo que o apoiassem em suas idéias de expansão para a tribo. No entanto, expansão neste caso significava, como todos sabiam, iniciar uma guerra fratricida com os povos vizinhos, destruindo a paz construída ao longo dos últimos quinze anos pelo atual grupo de anciões que liderava a tribo.



Depois de muita insistência, e verificando que não conseguiria o apoio desejado, Qanah pediu que o assunto fosse levado à apreciação de Yahu, através de um sacrifício no altar sagrado.

A cerimônia finalmente tinha sido agendada, e Qanah, como prometido, trouxera uma bela cabra branca, sem mácula, que ele carregava nos ombros.

Eles já previam uma reunião tensa com a presença do guerreiro, mas nunca imaginariam que ele teria a ousadia de trazer seis outros com ele, completando o número sagrado, em clara contraposição aos sete membros do conselho.

22



O olhar do guerreiro mostrava toda a sua impaciência. Provavelmente ele ficara algumas horas com o animal em seus ombros, recusando-se a baixá-lo em qualquer outro lugar que não fosse o altar, e recusando a deixar que outro carregasse a sua oferenda.

Hebel sabia que apesar da têmpera impulsiva de Qanah, ele respeitava as tradições e era temente a Yahu. Secretamente ele admirava a força da convicção, embora mal direcionada, do guerreiro, que falava de seu Deus como um filho fala admirado dos feitos do pai.

Forçando-se a confiar que o adversário não cometeria nenhuma loucura, Hebel chegou próximo a ele, levantando a mão direita e pronunciando seu nome.

— Qanah Bem Adam!

— Hebel Bar Anosch!

— Peço desculpas por me atrasar em um dia tão importante; estive no monte Sagrado buscando aconselhamento de Yahu.

A face de Qanah pareceu desanuviar-se, e quando ele falou, Hebel pôde ver que estava sendo sincero.

— Não se preocupe, ancião, nossos pensamentos divergem, porém nossos corações se unem em Yahu.

Hebel abaixou a cabeça, agradecido. Pensou que talvez seus temores, afinal, fossem infundados.

— E por que trouxeste seis outros de teu eleph¹?

— Não achei justo que houvesse sete orando pela estagnação de nosso povo, e apenas um orando pelo seu crescimento.

Desta vez as palavras do guerreiro soaram falsas aos ouvidos de Hebel, porém ele resolveu ignorar sua impressão e começou a organizar o ritual.

Primeiramente coordenou os presentes, exceto ele e Qanah, para que se ajoelhassem em um semicírculo em torno do altar de pedra, de frente para o Monte Sagrado.

1 *Eleph*: termo usado em escritos antigos, inclusive na Bíblia (Juízes 6:15, Zacarias 9:7; 12:5,6) para designar família, clã, mil (pessoas) e, eventualmente, “uma unidade militar”.



A seguir tomou a toalha de linho branco, nunca usada, das mãos de um dos anciões e a colocou sobre o altar, no canto esquerdo.

Aproximou-se depois de um dos homens de Qanah e tomou a adaga sacrificial que eles haviam trazido, pousando-a no canto direito do altar.

Por fim, pediu a Qanah que deitasse a cabra sobre o centro do altar. O animal, com as patas amarradas e drogado por uma mistura de ervas que tomara como parte do ritual, deixou-se ficar ali, placidamente.

Hebel voltou-se então para os presentes e anunciou.

24

△

— Irmãos! Passei a noite em claro, esperando a iluminação de Yahu; e quando o sol nascia sobre o Monte Sagrado o Seu Ruach² soprou sobre mim, chegando a me derrubar! E continuou soprando em meus ouvidos durante toda a descida!

Ele esperou por alguns momentos, para aumentar o impacto de suas palavras. Nunca ninguém fora tão incisivo quanto a um contato com Yahu.

— Eu sei que Yahu estará entre nós hoje, nos orientando e guiando nossas mentes e corações para

2 *Ruach*: termo hebraico para “fôlego”, equivalente ao latim “animus” ou “spiritus”, indicando também “forças que não podem ser apreendidas pelos sentidos mas que exercem indubitável influência e efeitos”.

que possamos chegar às respostas que procuramos.

Dito isso, ancião e guerreiro voltaram-se para o altar no mesmo instante, como se tivessem combinado o movimento. Hebel pegou o linho branco, Qanah tomou a adaga em suas mãos, e ambos levantaram seus braços à frente, como que apresentando os objetos ao altar e ao Monte.

— Mari³!

Uma brisa leve pareceu responder ao chamamento de Hebel.

— Estamos aqui reunidos em Teu Nome, e em Teu Nome realizaremos o zabach⁴ deste animal sem mácula, com esta adaga recém-forjada, que será limpa neste linho nunca antes usado!

A brisa se tornou um vento, que balançava as roupas dos presentes e levantava uma fina nuvem alaranjada do solo. Alguns dos homens ajoelhados não conseguiram conter um murmúrio de medo. Qanah

3 *Mari*: palavra aramaica para “meu Senhor”, utilizada em vez do nome de Deus. Os hebreus acreditavam que cada letra tinha a sua força, o que fazia com que determinadas palavras tivessem um poder intrínseco, pelo que pronunciar o Nome de Deus era considerado uma heresia. Inscrições da época dos primeiros hebreus mostram muitas vezes palavras em hebraico e aramaico usadas em conjunto compor frases, denotando que o povo utilizava as duas línguas indistintamente.

4 *Zabach*: sacrifício de um animal.



tomou a palavra, falando com voz firme, como se houvesse participado de centenas de rituais semelhantes.

— Mari, estamos aqui reunidos para pedir Tua orientação, rogando que guie nossos corações e pensamentos na direção correta. Devem os habirus unir suas tribos, criando um império para louvar Teu Nome, ou devem eles sentar e esperar pelo esquecimento?

Qanah segurou a adaga pelo cabo, aproximando-se da cabra.

— Aceita, Mari, este nosso habhab⁵!

26

△

A adaga desceu com tanta força sobre a jugular da cabra que atravessou seu pescoço, fazendo um ruído seco quando bateu na rocha sob o animal. O sangue jorrou enquanto o animal estremecia e o altar se banhava de vermelho.

Repentinamente, o vento parou. Um silêncio incomum se abateu sobre todos, como se o mundo inteiro tivesse contido a respiração.

Durante mais de um minuto, todos se mantiveram imóveis, sem que nada acontecesse. A voz de Qanah então quebrou dolorosamente o silêncio, enquanto ele olhava de maneira perigosa na direção de Hebel.

5 *Habhab*: oferenda, presente.

— Talvez Yahu demande um sacrifício maior do que um carneiro para...

Ele não teve oportunidade de terminar a frase pois, neste momento, uma luz que parecia atravessar seus corpos e almas se fez presente.

Os homens caíram de joelhos e tentaram gritar, mas o terror não deixava que nenhum som escapasse de suas gargantas.



4

— **W**arten sie auf den Flug 984? ¹

Arthur acorda assustado, sem entender por alguns instantes onde se encontra, e responde em português.

— O quê?

28 A gorda senhora, com um sorriso prestativo,
Λ repete a pergunta.

— *Warten sie auf den Flug 984?*

Ele responde com a única frase de que se recorda em alemão.

— *Ich sprach nicht deutsch!*²

A senhora balança a cabeça, positivamente, aponta para o bilhete que aparece no bolso da camisa do arqueólogo para, na seqüência, indicar a entrada do portão 27, onde um letreiro luminoso anuncia: “*BA 984 — Now Boarding*”.

Lembrando que sabia falar mais uma coisa em

1 “Com licença, o senhor está esperando pelo vôo 984?”

2 “Eu não falo alemão.”

alemão — *Danke!* — Arthur pega sua mala e se dirige ao fim da curta fila de embarque, com os últimos passageiros do vôo.

Passar pelo corredor estreito do avião com a bagagem de mão exigiu alguns malabarismos, e ao chegar ao assento marcado em seu bilhete descobriu que os maleiros próximos estavam todos lotados.

Abriu o compartimento acima da fileira de cadeiras atrás da sua e percebeu que estava também lotado. Do outro lado do corredor, também. Finalmente encontrou, três assentos para trás, um local com espaço que parecia suficiente para alojar sua mala.

Estava tentando levantar a bagagem até a altura correta quando seus olhos cruzaram com o olhar de uma mulher sentada à janela naquela fileira.

Aos trinta e três anos, Arthur era uma negação com as mulheres, não apenas pela sua falta de jeito com o sexo oposto, mas principalmente porque, segundo ele, “nunca achou alguém que valesse a pena”.

Naquele instante, porém, ele se sentiu ainda mais deslocado que o usual, ficando paralisado em um instante interminável, com a mala suspensa no ar.

Os olhos marrom-amarelados eram completados de maneira perfeita pelas sobrancelhas ligeiramente grossas e bem definidas, que se arqueavam suavemente para cima ao se aproximarem

dos cabelos muito negros, lisos, cortados em estilo chanel. A pele parecia quase reluzir em um tom improvável, entre o levemente moreno e o quase dourado, que ele só vira antes em poucas pessoas, em uma de suas viagens ao Oriente Médio. O nariz levemente adunco reforçava a aparência egípcia, e o sorriso perfeito não deixava dúvidas de que ela estava acompanhando sua estupefação.

Nunca vira aquela mulher, disso tinha certeza. Mas ao mesmo tempo, algo em seus olhos parecia dizer o contrário. Ainda com a mala pendurada na beira do bagageiro, perdeu mais alguns instantes pensando se deveria dizer alguma coisa, mas assim que abriu a boca para falar algo, foi interrompido pela voz agressiva de um corpulento senhor, de rosto vermelho banhado em suor, que entrou depois dele no avião.

30
Λ

— *Könnten sie bitte ihren Gepäck Dort drüben hinstelle? Ich würde mich gerne hinsetzen!*³

Apesar de não entender uma palavra, Arthur compreende perfeitamente a mensagem. Acomoda a mala e continua a andar pelo corredor até que o incomodado senhor chegue ao seu assento, enquanto

3 “O senhor poderia por favor botar sua mala ali? Eu gostaria muito de me sentar!”

a linda morena abaixa a cabeça, rindo, provavelmente entendendo o que foi falado.

Ao voltar à sua cadeira, sem coragem de olhar novamente para a mulher, ele elocubra que o som ríspido da língua alemã não ajuda em nada para diminuir seu preconceito contra aquele povo, que sempre julgou de certa forma grosseiro. Tenta lembrar de todos os bons amigos alemães que tem, e de todas as vezes que fora bem recebido naquele país, mas só consegue recordar da incompreensível reclamação ao corredor.

Senta-se e mais uma vez puxa a *Revue Biblique*, buscando relaxar um pouco antes de dormir, quando é interrompido pelo rapaz sentado ao seu lado.

— Nossa, há quanto tempo não vejo alguém lendo a *Revue Biblique*! O senhor é arqueólogo?

Incomodado com a intrusão, mas sem saber como desconversar sem faltar com a cortesia, ele responde.

— Sou professor e pesquisador da universidade de New York.

— Mas que coincidência! Estudo com o professor Mark Smith, do departamento de estudos da Bíblia e Oriente Próximo, o senhor o conhece?

— Sim, claro...

— Estou a caminho de conhecer as novas

escavações em Tell el-Far'ah da Ecolle Biblique! É a primeira vez que participo de um trabalho de campo, estou tão animado!

Arthur concorda com a cabeça, mentalmente pragueja contra a idéia que teve de pegar a revista antes de dormir, e sente que aquela será uma longa viagem.

* * *

— Alô, David?... Sim, acabei de chegar ao hotel... Só estou ligando para lhe falar que a sua maravilhosa descoberta vai precisar esperar até amanhã, estou *realmente* morto de cansado!... Não, não consegui pregar o olho, você acredita que com sei lá quantas dezenas de cadeiras, eu fui sentar justo ao lado de um dos alunos de um colega meu? Ele estava tão excitado com uma visita à Ecolle Biblique que não parou de falar a viagem inteira!

32
Λ

Arthur silencia enquanto David, rindo, busca argumentos para convencê-lo a se encontrarem ainda naquele dia. Ainda com o telefone ao ouvido, tira os sapatos e as meias, estica o corpo na cama e fecha os olhos.

— Olha, David, eu realmente...

— Arthur, eu lhe juro por tudo o que há de mais sagrado que isso vai fazer você pular de suas botas e perder totalmente o sono!

Sentindo que não tem mais forças nem para

argumentar, Arthur finalmente cede.

— Duvido muito! Mas está bem, apenas me dê algumas horas de sono. Meu quarto é o 203, ligue às oito e meia para me acordar, que eu lhe encontrarei na recepção do hotel às nove horas!

— É isso aí, velho amigo! Prometo que você não se arrependerá!